

# A Arte a vencer o Poder (2)

## (Paisagens Rupestres da Ilha Terceira)



ANTONIETA COSTA

Assim penso que acontecerá se: 1º a comunicação social fizer o seu papel difusor da notícia corretamente; 2º se o público terceirense perder esse medo irracional ao GR; 3º se houver de facto um espírito crítico na observação desta arte. Se assim acontecer podemos ter a certeza de que a “singularidade” deste fenómeno irá pugnar pela sua defesa. Por outras palavras, a sua peculiaridade poderá salvá-la... Isto porque se trata não só de manifestações artísticas de grande qualidade estética, mas também porque a sua excelência conjugava-se com a ancestralidade revelada pelo “Culto das Pedras”, patenteando em vastas áreas e de várias formas uma conjugação dos registos referidos anteriormente (pias, marcas de corte, inscrições, etc.) com este outro elemento: a arte, especialidade que prescinde de avaliação prévia. Esta união facilita ao público o papel de júri, conferindo-lhe o poder de exigir o reconhecimento do seu património. A “análise arqueológica” em que se refugia o GR para sustentar a recusa indefensável de tal realidade torna-se irrelevante frente à questão artística (se esta se tornar domínio público - e para cuja difusão os órgãos de comunicação social são solicitados). Não é só pelo facto de a exigência da arqueologia ser apenas uma figura de discurso (dado que o GR também não autoriza essa pesquisa, dizendo que não tem verbas), mas é também pela própria natureza da arte em si, que ao ser menosprezada poderá levar o GR a uma condenação pública (e não só) dado tratar-se de crime idêntico ao de “genocídio cultural” - face ao Tribunal de Haia e aos Direitos

Humanos.

A Arte a que me refiro, susceptível de levantar este problema, é a que traz ao conhecimento público questões do foro da labuta pela vida, da sobrevivência das espécies, com capacidade de provocar emoção frente a cenas do quotidiano combate entre vários tipos de animais, supostamente habitantes naturais deste sítio. Mas não será só o assunto em si e sim a capacidade da obra em nos informar sobre o tipo de relações estabelecidas entre os vários protagonistas, quer pelas posições que assumem e respetivas expressões corporais, quer ainda pela perfeição do traço e identificação com a personagem. Tudo isto foi gravado na rocha e (em alguns casos) colorido a vermelho, preto, roxo, azul escuro, etc.

No difícil problema de levar ao público o conhecimento destas obras, foi dado um primeiro passo pela CMAH que disponibilizou a área de exposições do Centro Cultural, para além da preparação dos materiais a expor. Um outro foi a cedência, por parte de um dos proprietários, de uma rocha amovível, para ser igualmente exposta ao público. No artigo anterior refere-se uma luta entre “pássaros vermelhos e pássaros brancos” com o aparente massacre dos últimos. A superfície dessa rocha especial foi coberta na totalidade por referências a tal situação. Mas em frente e a uns escassos 20 metros de distância, outra rocha contém uma descrição de cenas marítimas, mostrando várias espécies de peixes, do cavalo-marinho à raia, da tartaruga ao tubarão, em relação mútua no seu habitat. Os assuntos estão totalmente separados, embora frente a frente. Nesta última, devido à sua cor escura, os efeitos foram esculpidos e sustentados por relevos, embora o DStretch revele subtilidades de diferenciação das espécies e, para além do enquadramento do motivo central, a cena épica da caça à baleia.

A exposição patenteia um passado desconhecido, de “Ilhas Afortunadas”, que é também o dos Açores, quando um seu primeiro contacto com a população começa a ter lugar.



## Botelho XIX

# Notas finais



TEIXEIRA DIAS

O escrever estas notas não significa o fim do trabalho acerca da atividade do Padre Botelho. Penso, aliás, sonhando como outros admiradores, que dentro de algum tempo, surgirá uma antologia que congrega as atividades do seminarista, durante os oito anos de estudo e do sacerdote que durante quase meio século parouquiu a comunidade das Furnas. Dando corpo aos seus anseios e intentos manifestados em Canção de um seminarista e completados na Carta ao bispo da diocese, quando abandona os estudos em Roma, o Pe. Botelho viveu con-

forme desejava.

Conhecia alguma da sua atividade, pelas consultas que havia feito à Obra Poética e à leitura, um tanto apressada, de alguns poemas aquando do centenário de A Crença.

Agora que ocupei muitas horas em investigar não só António Moreno, mas também Maria Angelina, J.J.B., Agostinha da Cruz, Custos e Custódio, Frei Diogo, Violante, deime conta de um trabalhador infatigável, de um pastor que pelas almas que lhe foram confiadas nunca renunciou aos sonhos de juventude. Mas encontrei sobretudo um homem que se devotou a uma causa, lançando mão de muitos e variados meios.

Ao longo dos trabalhos no centenário de A Crença habituei-me a admirar o trabalho intelectual de um padre que assinava as conversas dominicais com o nome próprio, mas que publicava inúmeras poesias assinadas por António Moreno.

Com o decorrer dos tempos vim a «conhecer «Maria Angelina» e outros. Só mais tarde

vim a saber que as suas atividades intelectuais durante o tempo de seminário, sem me aperceber ainda de toda a riqueza do seu trabalho.

Quando, saradas feridas deixadas por quase três anos de corridas para médicos, hospitais e viagens de avião, propus ao diretor de A Crença o completar o trabalho a que me havia comprometido - fazer uma divulgação dos grandes colaboradores do jornal, - sugeriu o começo pelo Pe. Botelho.

Foi tempo de descoberta, de entusiasmo, de admiração profunda. Pude mergulhar em o Peregrino de Lurdes, percorrer as páginas do Boletim Eclesiástico da diocese de Angra, rever os números de A Crença desde 1918 até 1946, ler biografias e textos.

Nessas deambulações dei-me conta de um ser profundamente humano, mas sincero, capaz, desde muito novo, de traçar o percurso da sua vida, rejeitar todas as benesses que os seus dotes intelectuais lhe permitiriam, usufruir para se dedicar ao «pequeno rebanho», sem, no entanto, deixar de querer mais, escrevendo,

pregando, ensinando pelo exemplo, pela palavra, pela imagem, pela conversa ao nível dos ouvintes.

E de tal modo o fez que Paul Claudel, o grande escritor francês, que soube de um senhor que numa terra chamada Furnas, pedia para Paris as suas obras, Claudel, em regresso da América vai visitar o «admirador», quando certamente os grandes da ilha dariam tudo para receber o admirado escritor francês. E mais tarde, quando um ilustre membro da Igreja, o faz sabedor de que numa lista de futuros bispos para Angra o seu nome figurava em primeiro lugar, suplica, exige mesmo que tal seja riscado, porque o seu povo serão sempre os humildes trabalhadores, com quem quer rezar, com quem quer viver com quem quer chorar as dores da vida. E nasceu em mim uma verdadeira admiração que espero transmitir a qualquer possível leitor, pois que, ainda que eu viva muitos anos, (que já vão pesando), não serei capaz de lhe fazer a justiça a que tem direito e merece.